



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
CURSO DE MUSEOLOGIA

JÉSSICA MAIRA VASCONCELOS DA SILVA

Documentação Museológica enquanto uma via comunicacional: uma análise a partir do acervo da TV Universitária do Recife

Recife
2025

JÉSSICA MAIRA VASCONCELOS DA SILVA

Documentação Museológica enquanto uma via comunicacional: uma análise a partir do acervo da TV Universitária do Recife

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Orientador(a): Prof. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro

Recife

2025

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE**

Silva, Jéssica Maira Vasconcelos da .

Documentação Museológica enquanto uma via comunicacional: uma análise a partir do acervo da TV Universitária do Recife / Jéssica Maira Vasconcelos da Silva. - Recife, 2025.

37 p.

Orientador(a): Emanuela Sousa Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Museologia - Bacharelado, 2025.

Inclui referências, apêndices.

1. Museologia. 2. Documentação. 3. Comunicação. 4. TV Universitária. I. Ribeiro, Emanuela Sousa. (Orientação). II. Título.

060 CDD (22.ed.)

JÉSSICA MAIRA VASCONCELOS DA SILVA

Documentação Museológica enquanto uma via comunicacional: uma análise a partir do acervo da TV Universitária.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Museologia.

Aprovado em: 22/12/2025.

BANCA EXAMINADORA

Profº. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro (Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dr. Hugo Menezes Neto (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Profº. Dra. Christina Gladys de Mingareli Nogueira (Examinador Externo)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me apoiaram para chegar até aqui, especialmente à minha família e aos meus amigos.

Aos meus avós, que sempre confiaram na minha capacidade e me incentivaram aos estudos durante toda a vida.

Ao meu tio Adilson, que me deu todo o suporte possível, me acolheu e acreditou em mim, até mesmo quando eu mesma não me achava capaz.

Aos amigos que estiveram comigo ao longo dessa jornada, oferecendo apoio, incentivo e compreensão.

À minha psicóloga, Deysianne Macêdo, que, por meio de seu trabalho extraordinário, contribuiu para que hoje eu me conhecesse melhor e me sentisse capaz.

À minha orientadora, Emanuela Ribeiro, por sua paciência, dedicação e por apoiar minhas ideias ao longo do desenvolvimento deste trabalho.

À TV Universitária, por abrir suas portas e possibilitar a realização da pesquisa.

À Universidade, pela formação acadêmica e pelas oportunidades proporcionadas ao longo do curso.

Aos professores, que me orientaram ao longo do caminho e muito me ensinaram, dentro e fora da sala de aula.

Ao Departamento de Museologia, sempre acolhedor.

RESUMO

A documentação museológica é um instrumento fundamental no campo da Museologia. É por meio dessa prática que o objeto se inicia no contexto do museu e torna-se acessível ao longo do tempo, garantindo a continuidade do seu processo de musealização a partir das informações que são levantadas. Nesse sentido, a documentação atua como um ponto essencial na disseminação de informações. Assim, é possível inferir que a documentação museológica também assume um caráter comunicacional valioso. Tendo isso em vista, essa pesquisa busca construir pontes entre essas duas áreas afins: Comunicação e Museologia. Para materializar essa relação, analisa-se o acervo da TV Universitária do Recife, sob a guarda do Centro Documentação e Pesquisa (CEDOC), que conta com objetos que fizeram parte da trajetória da TVU, registros analógicos como fitas VHS, equipamentos de filmagem, televisões, entre outros. Seis décadas depois, ainda permanecem como símbolos do início da primeira emissora educativa do país.

Palavras-chave: museologia; documentação; comunicação; tv universitária.

ABSTRACT

Museum documentation is a fundamental instrument within Museology. It is through this practice that an object enters the museum context and becomes accessible over time, ensuring the continuity of its musealization process based on the information that is collected and must be continuously updated. In this sense, documentation acts as an essential point in the dissemination of information. Thus, it is possible to infer that museum documentation also assumes an important communicational role. With this in mind, this research seeks to build bridges between these two related fields: Communication and Museology. To materialize this relationship, the collection of the TV Universitária do Recife (the university's educational TV station) is analyzed. More than six decades later, some of its objects still remain as symbols of the beginnings of the first educational broadcaster in the country.

Keywords: museology; documentation; communication; tv universitária.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. O fazer museológico: fundamentos e prática.....	12
2. Documentação Museológica sob uma perspectiva comunicacional.....	17
3. TV Universitária do Recife: acervos universitários e comunicação.....	21
3.1 A criação da TV Universitária do Recife.....	21
3.2 Da materialidade técnica a um acervo.....	23
3.3 O acervo da TV Universitária do Recife: relevância museológica e dimensão comunicacional.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
REFERÊNCIAS.....	33
APÊNDICE A - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO ACERVO DA TV UNIVERSITÁRIA DO RECIFE.....	35

LISTA DE ABREVIAÇÕES

- CEDOC – Centro de Documentação e Pesquisa
CIDOC – Comitê Internacional de Documentação
IBRAM – Instituto Brasileiro de Museus
ICOM – Conselho Internacional de Museus
NTVRU – Núcleo de Televisão e Rádio Universitárias
TVU – TV Universitária
UFPE – Universidade Federal de Pernambuco

INTRODUÇÃO

O trabalho “A documentação museológica enquanto uma via comunicacional: uma análise a partir do acervo da TV Universitária do Recife” surge a partir de um interesse particular pelos campos da Museologia e da Comunicação, área na qual iniciei minha trajetória acadêmica por meio do curso de graduação em Jornalismo. Posteriormente, durante a disciplina de Documentação no curso de Museologia da Universidade Federal de Pernambuco, aliada a uma experiência prática de estágio, foi possível perceber como o processo documental ultrapassa a mera organização técnica e o levantamento de dados, configurando-se também como uma ferramenta essencial na interlocução entre objetos e pessoas.

Nesse sentido, a documentação passou a ser compreendida como um processo que comunica muito mais do que um simples conjunto de informações. É a partir desse processo que os objetos passam a comunicar não apenas sobre si mesmos, mas também sobre os contextos históricos, sociais e institucionais nos quais estão inseridos.

Metodologicamente, a pesquisa foi desenvolvida a partir de levantamento bibliográfico, análise documental e estudo de caso. Para tanto, foram mobilizados autores de áreas diversas, o que possibilitou uma abordagem interdisciplinar. Assim como a importância do levantamento teórico, as pesquisas de campo mostraram-se igualmente fundamentais para a construção metodológica deste trabalho, contribuindo para a compreensão do objeto de estudo em sua materialidade e contexto.

Inicialmente, o trabalho estava voltado para a análise de apenas um objeto: uma das primeiras câmeras utilizadas para a gravação dos programas da emissora, que se encontrava participando de uma exposição temporária no Memorial da Medicina de Pernambuco. Contudo, com o aprofundamento da pesquisa, compreendeu-se que o conjunto do acervo da TV Universitária possuía relevância equivalente. Dessa forma, o olhar analítico foi ampliado para os demais elementos sob a guarda da instituição, permitindo uma leitura mais abrangente do acervo.

Nesse conjunto, é possível identificar diferentes materiais e tecnologias utilizados ao longo do tempo pela TV Universitária na produção de seus programas, como câmeras, suportes de vídeo e outros equipamentos técnicos. As pesquisas

realizadas contribuíram para a compreensão da importância e da materialidade desse acervo, evidenciando seu potencial como objeto de estudo no campo da Museologia, especialmente no que diz respeito à documentação de acervos audiovisuais.

Os objetos que atualmente se encontram na sede da TV Universitária do Recife, localizada no mesmo endereço de sua inauguração, estão sob a responsabilidade do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC), setor que visa à salvaguarda de equipamentos e outros utensílios produzidos e utilizados pela TVU ao longo de seis décadas. Esse material, hoje, além de passar por processos documentais, oferece a possibilidade de pesquisadores compreenderem aspectos relevantes da história da educação no país, bem como da própria trajetória da emissora.

A estrutura do trabalho está organizada em três capítulos. O primeiro capítulo dedica-se à discussão dos fundamentos do fazer museológico, abordando a relação entre seres humanos e objetos, a noção de cultura material e os conceitos de musealização, musealidade e objeto-documento. Neste capítulo, a documentação museológica é apresentada como uma etapa central do processo de musealização, responsável pela produção e organização das informações que sustentam as demais ações museológicas.

O segundo capítulo propõe uma leitura da documentação museológica sob uma perspectiva comunicacional, evidenciando seu papel como mediadora na produção, organização e circulação de sentidos. A partir do diálogo com os estudos em Comunicação, discute-se a interdisciplinaridade da Museologia e a documentação como um sistema especializado de comunicação, fundamental para a mediação entre acervo, instituição e sociedade.

O terceiro capítulo apresenta o acervo da TV Universitária do Recife, vinculada à Universidade Federal de Pernambuco. Criada em 1968, a TV Universitária foi a primeira emissora educativa do país e desempenhou um papel significativo na comunicação pública e educacional brasileira. Ao longo de sua trajetória, a emissora produziu e acumulou um conjunto expressivo de objetos técnicos, suportes audiovisuais e registros documentais que hoje constituem um acervo de relevante valor histórico, cultural e comunicacional. Atualmente, esse acervo encontra-se sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa

(CEDOC), que realiza ações de salvaguarda, ainda que o conjunto não esteja formalmente musealizado.

A escolha desse acervo como objeto de estudo justifica-se tanto por sua relevância histórica quanto por seu potencial analítico no campo da Museologia. Os objetos provenientes da TV Universitária ultrapassaram suas funções operacionais originais e passaram a configurar-se como suportes de memória, podendo ser compreendidos como objetos-documentos. Nesse sentido, o acervo da TV Universitária do Recife oferece um campo fértil de reflexão acerca dos processos de documentação museológica aplicados a acervos audiovisuais e universitários.

1. O fazer museológico: fundamentos e prática

A relação entre seres humanos e objetos antecede a formalização dos museus. Ao longo do tempo, os objetos transpuseram sua função unicamente utilitária para se tornarem mediadores fundamentais da experiência humana. Historicamente, se em um primeiro momento é o uso dos objetos que proporciona ao ser humano novas condições de inteligibilidade e de sobrevivência, em um segundo momento, esses mesmos objetos se caracterizam como elementos simbólicos na cultura material.

Uma imagem metafórica desse despertar simbólico aparece na célebre cena inicial de 2001: *Uma Odisseia no Espaço* (Kubrick, 1968). Nela, um grupo de hominídeos se deparam com um objeto enigmático: o monólito, cuja presença desencadeia mudanças cognitivas. Após isso, na cena seguinte, um desses hominídeos percebe que um osso pode ser utilizado como ferramenta e, posteriormente, como arma. Ainda que ficcional, o espetáculo dramatiza uma ideia central: a relação com os objetos reorganiza modos de agir, perceber e significar o mundo.

É justamente essa potência simbólica que a Museologia, em seu campo prático e teórico, procura compreender e preservar. Manifesta-se tanto no espectro individual, para afirmar uma identidade, marcar uma memória ou afeto; quanto no coletivo; seja por meio de objetos amplamente produzidos e consumidos, como sinal de status na sociedade contemporânea, ou até mesmo, na transmissão de conhecimentos e saberes tradicionais entre gerações.

Desse modo, o objeto também se revela um documento do próprio tempo. Ao fazer uma busca rápida no dicionário, encontramos duas acepções principais para documento:

- (1) declaração escrita reconhecida oficialmente como prova; (2) texto ou qualquer objeto capaz de atestar um fato e constituir uma fonte de informação. (**MICHAELIS, 2026**).

Por mais que a primeira seja o que nos vem diretamente à cabeça quando pensamos em um documento, a segunda é a que mais nos interessa. Pois, segundo Desvallées:

É essa compreensão situacional e relativista do documento, segundo a qual documentos não estão restritos às informações textuais mas também podem ser registros tridimensionais, que nos permitem compreender os

objetos de museu como objetos-documento, isto é, um “um portador de informação” (Desvallées; Mairasse, 2013, p. 58).

Dessa forma, a partir da compreensão da importância dos objetos enquanto documentos, a Museologia passa a atribuir aos museus, e sobretudo aos processos museológicos, um papel fundamental de mediação simbólica. Essa mediação se materializa por meio do processo de musealização, compreendido como uma cadeia de ações que se dá a partir do deslocamento do objeto de seu contexto original para o contexto significação. Trata-se, portanto, de um processo que não implica apenas em uma mudança física, como também na reconfiguração simbólica. Nesse sentido, Brulon (2018) destaca que:

Musealizar é mudar algo de lugar; às vezes no sentido físico, mas sempre no sentido simbólico. É recolocar, ou dispor para revalorizar. Reordenar sem a perda de sentidos, mas visando a aquisição de informação ou a sua potencialidade (Brulon, 2018, p. 190)

A formulação do entendimento da musealização está diretamente ligada às contribuições de Zbynek Z. Stranský (1926-2016), também responsável por conceitos correlatos como “*musealidade*” e “*museália*”. Ainda que o autor não desconsidere a centralidade das instituições museais, suas reflexões contribuíram para compreender a musealização como um processo que se estrutura a partir da atribuição de valor e do reconhecimento do objeto como portador de sentidos, e não exclusivamente da sua institucionalização. À luz desse pensamento, Brulon (2018) destaca que:

No âmbito desses questionamentos fundadores da reflexão crítica que hoje se convencionou chamar de “teoria da Museologia”, foi Zbynek Z. Stranský quem primeiro interrogou o foco deste ramo de estudos: se analogamente, a escola não configura o objeto central da pedagogia, ou o hospital tampouco é o objeto de estudo da Medicina, como o museu, entendido pelos teóricos como um meio para se realizar determinado fim (STRÁNSKÝ, 1965), poderia ser o objeto central da Museologia (Brulon, 2018, p. 190)

Essa compreensão acerca da musealização possibilitou que a museologia contemporânea a pudesse entender como um processo que extrapola as instituições. Brulon (2018) ainda ressalta que:

Ainda que entendido como instituição social ilimitada, o que há de ilimitado nos museus não é a sua forma ou institucionalização, mas a sua ação produtora da *perfomance museal*, um tipo de *delírio* das coisas da realidade

– nos termos do poeta Manoel de Barros – que na Museologia se convencionou chamar de “musealização”. (Brulon, 2018, p. 190).

Um outro aspecto importante para a Museologia, que surgiu a partir desse entendimento, foi ampliação do trabalho museológico envolvendo objetos da cultura imaterial. Ainda que o recorte desta pesquisa esteja concentrado em objetos da cultura material, reconhece-se que os procedimentos museológicos não se limitam à materialidade.

A partir da compreensão da musealização como um processo estruturante da museologia, no que tange objetos da cultura material o processo de musealização se fundamenta na pesquisa, aquisição, conservação, comunicação e pesquisa de recepção. O IBRAM (2025) destaca que essa cadeia de atividades funciona de maneira cíclica:

(...) é importante ressaltar que o processo de musealização não se trata de um processo linear, mas, sim, de um processo cílico, cujas etapas se retroalimentam, uma vez que novas informações sobre o objeto estão sempre sendo produzidas no ambiente do museu (Ifram, 2025, p. 20).

Cabe destacar que a retirada de um objeto de seu contexto não configura como um processo de musealização. Conforme o IBRAM (2025):

(...) é possível inferir que apenas a retirada de um objeto de seu contexto original e a sua inserção em uma reserva técnica de museu não é suficiente para, de fato, musealizá-lo. É preciso que ele passe por uma série de práticas museológicas (...) (Ifram, 2025, p. 20).

Trata-se de um conjunto de ações, fundamentadas no campo teórico, que visam não somente manter a integridade física, bem como a produção, organização e comunicação.

Nesse momento, nasce a documentação museológica que é uma parte fundamental dessa cadeia. É por meio dela que o objeto é reconhecido, descrito e contextualizado. Em seu trabalho Documentação: Teoria para uma boa prática, Helena Dodd Ferrez esclarece que:

A documentação de acervos museológicos é o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem (fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar, como anteriormente visto, as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento (Ferrez, 1998, p.01)

Além disso, inicia-se o processo de catalogação: uma ficha composta por alguns itens com informações primordiais sobre o objeto. Em seguida, poderá ser encaminhado para os setores de conservação, para a reserva técnica ou exposição.

A catalogação no contexto museológico compreende um caráter mais amplo. Segundo o IBRAM (2025), de modo geral, se refere à ordenação de informações essenciais aos objetos, possibilitando sua identificação. Nessa perspectiva, o trabalho documentacional requer uma padronização e a utilização de ferramentas de gestão de acervo bem estabelecidas, assim como de recuperação de informação.

Pensando nisso, foi criado o Comitê Internacional de Documentação (CIDOC) pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), com o intuito de desenvolver a padronização do trabalho de documentação, baseando-se no Código de Ética dos Museus:

Os acervos dos museus devem ser documentados de acordo com normas profissionais reconhecidas. Esta documentação deve permitir a identificação e a descrição completa de cada item, dos elementos a ele associados, de sua procedência, de seu estado de conservação, dos tratamentos a que já foram submetidos e de sua localização. Estes dados devem ser mantidos em ambiente seguro e estar apoiados por sistemas de recuperação da informação que permitam o acesso aos dados por profissionais do museu e outros usuários autorizados. (Icom, 2004, art. 2.20).

Nesse intuito, o uso de terminologias específicas, vocabulário controlado, número de registro, inscrição no próprio objeto e inventário são alguns dos elementos propostos pelo IBRAM como ferramentas essenciais para manutenção e recuperação das informações.

Apenas a partir da coleta de informações é que irá se formar, então, uma base dados dos museus, que atualmente podem funcionar de maneira analógica ou digital.

Vale ressaltar que as informações precisam não apenas serem armazenadas, como também devem manter-se atualizadas. Pois a retirada de um bem de seu contexto primário não confere um processo de musealização, assim como ele não torna-se musealizado apenas no momento de sua aquisição, mas ele está sempre sendo musealizado, razão pela qual é importante que a documentação seja um processo constante nas instituições (Ibram, 2025, p. 23).

Nesse sentido, é possível concluir, portanto, que o trabalho de musealização, e consequentemente de documentação, passa por uma série de práticas ativas. Retomando ao pensamento de stranský, conforme aponta Bralon (2018), o potencial de “musealidade” dos objetos não é inerente, mas é constituído a partir da contribuição de diversas disciplinas. Essa característica auxiliou a Museologia na construção de um campo epistemológico interdisciplinar, no qual diversos saberes se articulam na construção de um sentido no processo de musealização. É

justamente nesse ponto que a documentação museológica ultrapassa sua função operativa e passa a se constituir também como uma instância comunicacional, seja no que diz respeito às outras partes da cadeia do trabalho museológico, quanto à pesquisa e divulgação dos resultados até chegar ao público. Aspecto esse que será aprofundado no capítulo seguinte ao tratar da Museologia e Comunicação.

2. Documentação Museológica sob uma perspectiva comunicacional

A interdisciplinaridade está no cerne da Museologia desde a sua consolidação como campo científico. Enquanto disciplina, a Museologia constitui-se a partir da articulação de saberes de diferentes áreas das ciências humanas e sociais, bem como da ciência da informação, integrando métodos e perspectivas teóricas diversas. Essa característica não apenas possibilitou a construção da museologia enquanto uma ciência contemporânea, como também permitiu que o campo transitasse entre objetos, sujeitos, práticas e significados culturais. Segundo Loureiro (2009), ao dialogar com Maroevic (1998):

(..) a interdisciplinaridade é uma exigência da prática museológica, não a vendo como um fim em si, mas como decorrência da “interação entre disciplinas envolvidas em uma tarefa” (de modo particular a exposição). Adverte, entretanto, que a abordagem interdisciplinar deve considerar e satisfazer as limitações e imposições de cada disciplina. Trata-se, assim, de um processo de negociação que traz como resultado uma nova totalidade (Maroevic, 1998, p. 288-289 apud Loureiro, 2009, p. 109)

Nesse sentido, Japiassu (2006), comprehende a interdisciplinaridade como um princípio epistemológico fundamental, uma vez que nenhum campo do conhecimento de forma isolada, é capaz de oferecer uma compreensão total da realidade. O autor esclarece isso também, ao dialogar com Pascal, não é possível compreender as partes isoladamente sem a apreensão do todo, assim como o todo depende do conhecimento particular de cada uma de suas partes (Japiassu, [s.d]) ressaltando a necessidade de um movimento dialético contínuo entre o particular e o global. Para Japiassu, essa articulação não se limita à justaposição de disciplinas, mas existe superação de fronteiras rígidas entre saberes, como resposta à fragmentação do conhecimento.

Ao destruir a cegueira do especialista, o conhecimento interdisciplinar recusa o caráter territorial do poder pelo saber. Substitui a concepção do poder mesquinho e ciumento do especialista pela concepção de um poder partilhado (Japiassu, 1996, p.03).

A Museologia se constitui pela necessidade de compreender os fenômenos culturais de forma integrada, articulando diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. Como observa Moraes (2008), embora a interdisciplinaridade seja amplamente reconhecida como traço constitutivo da Museologia, ela nem sempre é analisada de forma aprofundada, sendo por vezes, confundida com abordagens multidisciplinares. Ainda assim, tanto no plano teórico, quanto nas práticas desenvolvidas nos museus, são mobilizadas as contribuições de áreas como a

Comunicação, Ciência da Informação, Antropologia e Educação. Essa postura interdisciplinar não se limita ao campo das práticas profissionais e da teoria museológica, mas reflete também na formação profissional em Museologia no Brasil.

A partir dessa perspectiva, o caráter interdisciplinar da Museologia vem sendo observado tanto quando levamos em conta seu processo de construção do conhecimento, quanto ao se observar a estrutura das grades curriculares que formam os cursos de Museologia em nível de graduação e pós-graduação, e, ainda, ao se notar a necessidade de diálogo com diferentes profissionais durante a prática da disciplina. Diferentes tipos de relações constituem, portanto, a Museologia (Moraes, 2008, p. 4).

Nesse contexto, a interdisciplinaridade materializa-se de forma concreta nos museus, compreendidos não apenas como espaços de preservação, mas produção de sentidos. A Lei 11904, de 14 de janeiro de 2009 define os museus como:

Consideram-se museus, para efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem, para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento (Brasil, 2009, Lei nº 11904, Art 1º)

A definição legal, ao destacar funções como comunicar, interpretar e expor, dialoga diretamente com as abordagens teóricas da museologia. Retomando Loureiro (2009), o museu pode ser compreendido, antes de tudo, como um espaço informacional, na medida em que não apenas preserva objetos, mas constrói sistemas de informação capazes de contextualizar e viabilizar a comunicação sobre os bens culturais.

Conforme discutido anteriormente, o processo de musealização é composto por várias etapas, uma cadeia de procedimentos técnicos e conceituais por meio do qual os objetos e práticas culturais são realocados de seus contextos originais e ressignificados no âmbito dos museus. Nesse percurso, a documentação museológica, ocupa um papel central, ao registrar, organizar e sistematizar informações participa ativamente da construção do objeto-documento. É nesse sentido, que abre a possibilidade de compreendê-la como uma prática comunicacional.

Comunicar é antes de tudo uma atividade cotidiana, seja numa conversa simples ou em fluxos de informações massivas. Nesse sentido, para Bordenave (1982), a comunicação está imersa na vida coletiva, em coisas simples do dia-a-dia: futebol, sessões parlamentares, na feira livre, na novela, o que ele irá chamar de “meio ambiente social da comunicação”. O autor enfatiza:

Então a comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida em sociedade. Sociedade e comunicação são uma coisa só. Não poderia existir uma comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação. (Bordenave, 1982, p. 16-17)

Ao considerar a comunicação sob essa perspectiva informacional transmissiva, os processos comunicacionais também se manifestam em sistemas especializados, nos quais a organização e a circulação de informações seguem códigos, normas e linguagens próprias, como ocorre no contexto da documentação museológica.

Tradicionalmente, a documentação museológica é associada apenas a procedimentos técnicos de registro e controle. No entanto, revela-se como uma prática que vai além do “simples” armazenamento de dados, configurando-se como um sistema de produção, organização e transmissão de informações sobre objetos musealizados.

Podemos utilizar, como base do diálogo interdisciplinar entre comunicação e museologia, uma das matrizes clássicas dos estudos em Comunicação proposto por Lasswell (1948), que sintetiza o processo comunicacional por meio da fórmula: “quem diz quê, por qual canal, a que e com qual efeito?” Ainda que simplificado, este modelo oferece uma ferramenta conceitual para compreender como acontece a comunicação entre pares.

Assim como em qualquer sistema linguístico, a documentação museológica pressupõe a existência de emissores, mensagens, códigos e receptores. A organização das informações não ocorre de forma neutra, envolve escolhas conceituais, classificatórias e interpretativas que influenciam diretamente os sentidos atribuídos aos objetos. Dessa forma, a documentação comunica, ainda que em um nível menos visível ao público, orientando as leituras possíveis sobre o acervo.

Nesse aspecto, a documentação assume o papel de mediadora entre diferentes sujeitos e instâncias institucionais. O conjunto de informações reunidas em instrumentos de suporte da informação, como a ficha catalográfica ou banco de dados e inventários, formam um sistema especializado de comunicação. Trata-se de uma linguagem técnico-museológica, composta por códigos, convenções e parâmetros estabelecidos institucionalmente, que possibilitam a circulação de informações entre curadores, pesquisadores, educadores e demais profissionais dos museus.

Ao organizar e sistematizar informações, a documentação cria uma base informational que sustenta todas as demais ações do processo de musealização. Pesquisa, conservação, exposição e ações educativas dependem diretamente da qualidade dos registros documentais. Se configura como uma via comunicacional, na medida em que fornece conteúdos, dados e significados que serão posteriormente convertidos em narrativas expositivas e outras formas de mediação para o público. Segundo o IBRAM (2025), numa referência à Declaração de Caracas:

A função museológica é, fundamentalmente, um processo de comunicação que explica e orienta as atividades específicas do Museu, tais como a coleção, conservação e exibição do patrimônio cultural e natural. Isto significa que os museus não são somente fontes de informação ou instrumentos de educação, mas espaços e meios de comunicação que servem ao estabelecimento da interação da comunidade com o processo e com os produtos culturais (Ifram, 2025, p. 72 apud Icom, 1992, p. 250-251).

Cabe ressaltar que a pesquisa, seja no que diz respeito ao processo documentacional, como de maneira geral, é uma característica importante da comunicação museológica. O IBRAM esclarece que:

A pesquisa é fundamental no cotidiano do museu, pois perpassa várias de suas atividades. A pesquisa faz parte do tripé de funções básicas que devem ser desenvolvidas por uma instituição interdisciplinar como um museu: preservação, pesquisa e comunicação. Para preservar o acervo e disponibilizar informação para seus públicos, o museu necessita conhecê-lo em profundidade, o que exige uma atividade prévia de pesquisa sobre o acervo musealizado (Ifram, 2025, p. 74).

Nesta perspectiva, consideramos que o processo de documentação se interrelaciona com todos os sujeitos e instâncias institucionais do processo de musealização.

3. TV Universitária do Recife: acervos universitários e comunicação

3.1 A criação da TV Universitária do Recife

A criação da TV Universitária do Recife surgiu em um contexto marcado por profundas transformações sociais, políticas e tecnológicas no Brasil e no mundo ao longo da segunda metade do século XX. O avanço da indústria, a intensificação dos processos de urbanização e a disseminação dos meios de comunicação de massa contribuíram para que a televisão assumisse um papel central na organização da vida social, constituindo-se não apenas como um veículo de transmissão de conteúdos, mas também como um agente na produção de sentidos pela indústria cultural.

Segundo esclarece Angeiras (2015), os conceitos de Indústria Cultural e Cultura de Massa, abordados por Theodor Adorno e Max Horkheimer (1947), emergiram do processo de industrialização da cultura para as massas e os imperativos do sistema capitalista. Nesse sentido, a indústria cultural operava por meio da padronização dos produtos culturais, contribuindo para a reprodução das formas de dominação social. Segundo Costa et. al. (2000)

A indústria cultural pode ser definida como o conjunto de meios de comunicação como, o cinema, o rádio, a televisão, os jornais e as revistas, que formam um sistema poderoso para gerar lucros e por serem mais acessíveis às massas, exercem um tipo de manipulação e controle social, ou seja, ela não só edifica a mercantilização da cultura, como também é legitimada pela demanda desses produtos (Costa et. al. 2000, p. 2)

Partindo dessa compreensão, como os meios de comunicação de massa, especialmente a televisão, foram utilizados como ferramentas estratégicas pelo Estado, Angeiras (2015) evidencia, ainda, que a possibilidade de uma comunicação a partir da imagem e do som tornou a televisão um grande atrativo para a população e fez com que os aparelhos penetrassem rapidamente nos lares, democratizando as informações e o lazer de quem não tinha acesso aos livros e jornais. Especialmente no contexto brasileiro, a autora esclarece:

O Brasil de 1968, apesar da baixa renda per capita, “ocupava o 9º lugar entre os 110 países, com aproximadamente 4,5 milhões de receptores, apresentando uma produção anual de cerca de 500 mil unidades.” (Souza, 1969, p. 293 apud Angeiras, 2015, p. 47).

É nesse contexto de ampla difusão da televisão no Brasil, que o aparelho passa a ser reconhecido pelo Estado não apenas como instrumento de informação e entretenimento, mas também como um dispositivo estratégico de formação social

uma vez que concomitantemente à consolidação dos meios de comunicação de massa, o processo de industrialização evidenciou as limitações estruturais do sistema educacional brasileiro, como as altas de analfabetismo e o acesso restrito à escolarização formal.

Antes de adentrarmos a utilização da televisão como ferramenta educacional do Estado, se faz necessário situar, ainda que brevemente, o cenário sócio-político brasileiro. Para este fim, a contextualização aqui apresentada, fundamenta-se na análise histórica desenvolvida por Angeiras (2015), que relaciona a trajetória das políticas educacionais brasileiras às demandas do desenvolvimento econômico e à emergência da televisão educativa no país.

Os altos índices de analfabetismo no Brasil, ao longo do século XX, não pode ser compreendido como um fenômeno isolado, mas como o resultado de um processo histórico marcado pela tardia institucionalização das políticas educacionais em detrimento da centralidade dos projetos de modernização não tiveram a universalização da educação básica como prioridade.

Até a década de 1930, a educação não constava como uma responsabilidade central do Estado brasileiro, dessa forma, permaneceu descentralizada e restrita a determinados grupos sociais. Ainda que atravessada por contextos políticos profundos, a criação da primeira Lei de Diretrizes e Base (LDB)¹, durante o governo de João Goulart, marca os primeiros passos do processo de institucionalização da educação.

Durante o ano de 1964, início do golpe militar, que permaneceu por longos 21 anos, a política educacional buscava suprir a demanda social de alfabetização em função da corrida desenvolvimentista.

Dessa forma se vinculou a educação ao desenvolvimento da nação como um investimento “as palavras de ordem nessa época eram eficiência e eficácia” (Saviani, 2008, p. 380 apud Angeiras, 2015, p. 32).

É dessa forma que o surgimento da TV Universitária, em 1968, é tido como uma ferramenta de ampliação do alcance das ações de alfabetização, dado o alcance dos meios de comunicação de massa da televisão já amplamente difundida no território nacional.

A TVU canal 11 VHF emerge como o primeiro canal educativo do país, como órgão suplementar da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) integrando o

¹ Lei nº 4.024/61

sistema de radiodifusão educativa – Núcleo de Televisão e Rádios Universitárias (NTVRU) – vinculando-se diretamente à missão de ensino, pesquisa e extensão, essa especificidade conferiu ao canal um caráter singular, pois estava articulada com a produção do conhecimento acadêmico

A contextualização histórica apresentada não tem a pretensão de esgotar a complexidade do período, mas de situar os elementos que contribuíram para a criação da TV Universitária do Recife. Tal contextualização é fundamental para compreender o valor histórico e documental dos objetos que compõem seu acervo, uma vez que estes se configuram como testemunhos materiais de um projeto educativo, comunicacional e político específico, cuja preservação dialoga diretamente com os princípios da Museologia.

3.2 Da materialidade técnica a um acervo

A trajetória da TV Universitária do Recife, desde sua criação, sustentou de forma contínua a realização de atividades de ensino, pesquisa e difusão do conhecimento no contexto do audiovisual brasileiro. Ao longo dos anos, a emissora desempenhou um papel relevante na comunicação educativa, contribuindo para a formação acadêmica e cultural e consolidando-se como um espaço de produção e circulação de saberes. Nesse percurso, os objetos que integram o cotidiano da emissora, como equipamentos de captação e transmissão, câmeras, suportes audiovisuais, documentos administrativos, fichas de programação, fitas e demais materiais técnicos, deixaram de cumprir apenas suas funções operacionais originais. Esses itens passaram a assumir novos significados, configurando-se como suportes de memória e constituindo um acervo que materializa a história da televisão educativa, da instituição universitária e de diferentes contextos históricos do país.

Esse acervo caracteriza-se por sua diversidade tipológica, reunindo fotografias, aparelhos de televisão, videocassetes, fitas VHS, câmeras de distintos modelos e períodos, além de boletins informativos relacionados às programações semanais da emissora.

Parte desses equipamentos, como as câmeras, encontra-se atualmente organizada em forma de exposição intitulada “Aula aberta para restauro”, organizada por Charles Martins na sede da TV Universitária, possibilitando a visualização de

diferentes fases tecnológicas e históricas da televisão universitária. Como ilustrado na figura 1:



Figura 1: Exposição “Aula aberta para restauro”
Fonte: Acervo da TV Universitária do Recife. Fotografia da autora, 2025.

Trata-se, portanto, de um conjunto heterogêneo, composto por materiais de naturezas distintas, que demandam cuidados específicos de acordo com suas características físicas e materiais, o que reforça a complexidade de sua preservação.

Para além dos acervos de natureza material, o Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) também disponibiliza virtualmente parte do conteúdo passível de divulgação, como boletins de programação e registros fotográficos. O site do CEDOC reúne, ainda, informações e curiosidades sobre a história da TV Universitária, funcionando como uma espécie de reserva técnica digital. Esse espaço virtual amplia as possibilidades de pesquisa e de difusão do acervo, permitindo o acesso a informações relacionadas tanto à trajetória da emissora quanto à história da comunicação e da educação no país.

Entre os registros fotográficos disponibilizados, destaca-se a presença de uma imagem associada ao jornalista Vladimir Herzog. O caso de Herzog tornou-se emblemático por evidenciar de forma contundente a violência praticada pelo Estado durante a ditadura militar brasileira e por sua relação direta com o campo da comunicação e da televisão. Jornalista e diretor de jornalismo da TV Cultura, Herzog ocupava uma posição pública e institucionalmente relevante, o que contribuiu para a ampla repercussão de sua morte, ocorrida em 1975, após ter sido convocado a

depor no DOI-CODI de São Paulo. Embora o regime militar tenha divulgado oficialmente a versão de suicídio, essa narrativa mostrou-se inconsistente diante das evidências de tortura, gerando indignação social e mobilizando jornalistas, intelectuais, artistas e lideranças religiosas. A realização do ato ecumênico na Catedral da Sé marcou um momento histórico de contestação pública ao regime, consolidando o caso como símbolo da repressão, da censura e da violência contra profissionais da comunicação.

No acervo fotográfico histórico da TV Universitária, é possível identificar, por exemplo, o registro da carteira de Vladimir Herzog enquanto diretor do departamento de realização, elemento que reforça a dimensão simbólica e histórica do conjunto documental preservado. Esses registros permitem compreender aspectos significativos de um período particularmente sensível da história brasileira, marcado pela repressão política e pelo controle sobre os meios de comunicação, ampliando o valor interpretativo do acervo.

Nesse sentido, a presença de registros relacionados a Herzog no acervo da TV Universitária reforça a importância da preservação e da documentação de acervos audiovisuais e televisivos como instrumentos fundamentais para a construção da memória, da verdade histórica e da reflexão crítica sobre o papel das emissoras educativas e públicas no contexto político e social brasileiro.

Outro aspecto que confere relevância historiográfica aos objetos da TV Universitária diz respeito à evolução tecnológica evidenciada pelos equipamentos preservados. A observação das câmeras expostas permite identificar transformações ao longo do tempo, como a redução progressiva do peso dos equipamentos, a substituição de marcas utilizadas e a modernização dos sistemas de captação e transmissão. Essas mudanças alteraram diretamente a dinâmica de trabalho dos profissionais envolvidos nas produções televisivas, refletindo transformações nos modos de produção audiovisual e nas condições técnicas dos estúdios.

No que se refere às práticas de salvaguarda, o CEDOC adota procedimentos básicos de conservação museológica para o armazenamento desses materiais, como o uso de desumidificadores e a manutenção de condições ambientais estáveis de temperatura e umidade. Os objetos e documentos encontram-se acondicionados de maneira organizada, buscando minimizar processos de deterioração e assegurar a preservação do acervo ao longo do tempo. Ainda que o conjunto não tenha

passado por um processo formal de musealização, o espaço do CEDOC configura-se como um ambiente de guarda e proteção, fundamental para a continuidade da memória institucional da TV Universitária.

Embora todo o acervo desperte interesse, especialmente para aqueles que se interessam pelos bastidores do audiovisual, alguns objetos chamam atenção de forma particular. Entre eles, destacam-se as primeiras câmeras utilizadas nas gravações dos programas da emissora. Esses equipamentos apresentam dimensões superiores a um metro de altura, são constituídos por materiais robustos e possuem formas que remetem a equipamentos de uso industrial ou naval. Pertencentes à marca japonesa Toshiba, que à época figurou como uma das financiadoras da TV Universitária, essas câmeras são consideravelmente pesadas e utilizam tripés confeccionados em ferro, o que exigia maior esforço físico e logística específica para sua operação.

Apesar de não se encontrarem em perfeito estado de conservação, apresentam condições gerais satisfatórias, sendo possível identificar desgastes decorrentes do tempo de uso e pontos de oxidação em algumas partes metálicas. De modo geral, contudo, mantêm-se estruturalmente preservadas, contando ainda com sistemas compostos por três grandes lentes de captura de imagem, características das tecnologias analógicas do período.

Com o passar do tempo, esses equipamentos foram sendo substituídos por tecnologias mais modernas, progressivamente mais leves e eficientes, acompanhando a transição dos sistemas analógicos para os digitais. Dessa forma, os próprios objetos e suportes audiovisuais preservados permitem visualizar uma espécie de linha cronológica da evolução tecnológica da televisão, na qual os equipamentos, por si só, narram transformações técnicas, produtivas e históricas.

Em síntese, os objetos que compõem o acervo da TV Universitária do Recife extrapolam as funções para as quais foram originalmente concebidos, passando a comunicar aspectos fundamentais da história política, educacional, cultural e audiovisual do país. Para pesquisadores, estudantes e interessados nas áreas da comunicação, do jornalismo e do audiovisual, a observação desses itens possibilita uma aproximação concreta com a memória institucional e com os processos históricos da televisão educativa brasileira.

Por fim, no que se refere à estrutura física, o CEDOC configura-se como um espaço de arquivo e guarda, com acesso restrito e controlado, permitido apenas

mediante autorização e acompanhamento. Além da preservação dos objetos, destaca-se também a manutenção da própria estrutura da TV Universitária e de seus estúdios originais. Os estúdios, amplos e com pé-direito elevado, ainda conservam elementos como os aquários de observação, possibilitando compreender as dinâmicas de produção televisiva de décadas passadas. A permanência desses espaços contribui para uma experiência sensível e reflexiva, permitindo imaginar os acontecimentos, produções e trajetórias que marcaram a história da TV Universitária ao longo de sua existência.

3.3 O acervo da TV Universitária do Recife: relevância museológica e dimensão comunicacional

A TVU hoje conta com o Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) que se define como um laboratório dedicado ao processo curatorial que se constitui na aquisição, pesquisa, conservação, documentação e comunicação da memória, além da prática dos servidores que mantêm ações de salvaguarda do acervo.

A missão do CEDOC consiste em salvaguardar o conhecimento científico e a comunicação pública para o desenvolvimento da comunicação e memória do país. Enquanto sua visão é ser reconhecido nacional e internacionalmente como um laboratório de restauro e divulgação da memória da comunicação pública, contribuindo na inovação do conhecimento para aprimorar a realidade educacional do país (Cedoc, s.d.).

Essa iniciativa evidencia uma preocupação com a preservação da memória institucional e com a valorização da trajetória da TV Universitária do Recife.

Nesse sentido, ao levar em consideração os aspectos conceituais do processo de musealização, discutidos no primeiro capítulo, torna-se possível compreender que os objetos que fazem parte do acervo da TV Universitária do Recife apresentam um caráter de suma importância não apenas para a Museologia, como para a memória de uma comunidade. É o que Brito (2019) afirma como um *processo de memorialização*. Segundo a autora:

Um processo de memorialização é entendido na esfera coletiva, pois é um movimento que extrapola os limites de processos de evocação individual. Está destinado à ação de práticas que tenham em vista a elaboração do passado por uma sociedade. (Brito, 2019, p. 47)

A documentação museológica, nesse contexto, assume um papel estruturante. Ao registrar, organizar e sistematizar as informações sobre os objetos,

a documentação cria as bases informacionais que sustentam os demais processos museológicos. É a partir dela que se tornam possíveis as ações de conservação, ao identificar materiais, técnicas e condições físicas; a elaboração de exposições, ao contextualizar e atribuir sentidos aos objetos; e a comunicação museológica, ao permitir a circulação de informações entre a instituição e a sociedade. Dessa forma, a documentação não se limita a um procedimento técnico, mas configura-se como uma prática fundamental de mediação entre o acervo, os pesquisadores e o público.

Como discutido no segundo capítulo, a documentação possibilita que a informação gerada a partir dos objetos seja comunicada, transformando o acervo em fonte de pesquisa, reflexão e difusão do conhecimento. No caso do acervo da TV Universitária do Recife, esse processo permite compreender não apenas a história da própria emissora, mas também aspectos mais amplos da educação, da comunicação pública e do desenvolvimento do audiovisual no país. Os objetos, ao serem documentados e disponibilizados, passam a integrar circuitos de pesquisa acadêmica e de divulgação cultural, ampliando seu alcance social.

Além da exposição presencial realizada na sede da TV Universitária, o CEDOC também promove a divulgação virtual de parte do acervo, ampliando o acesso às informações por meio de plataformas digitais. Essa dimensão virtual pode ser compreendida como uma extensão das práticas museológicas, possibilitando novas formas de mediação e de comunicação com diferentes públicos. Ao disponibilizar registros fotográficos, documentos e informações históricas, o CEDOC contribui para democratizar o acesso à memória institucional e para fortalecer o papel social da universidade enquanto produtora e difusora de conhecimento.

Dessa forma, o trabalho desenvolvido pelo CEDOC evidencia como a documentação museológica atua como eixo central dos processos museológicos, articulando preservação, pesquisa, comunicação e memória. Mesmo não estando formalmente musealizado, o acervo da TV Universitária do Recife apresenta práticas que dialogam diretamente com os fundamentos da Museologia, demonstrando o potencial desses bens como objetos-documentos e como instrumentos fundamentais para a construção da memória coletiva e para a reflexão crítica sobre a história da comunicação e da televisão educativa no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho permitiram compreender a documentação museológica para além de sua dimensão estritamente técnica, evidenciando seu caráter comunicacional como elemento central do processo de musealização. Ao articular os campos da Museologia e da Comunicação, foi possível reconhecer a documentação como um sistema especializado de produção, organização e circulação de informações, capaz de mediar a relação entre os objetos, a instituição e a sociedade. Dessa forma, a documentação museológica apresenta-se como um dispositivo fundamental na construção de sentidos, na preservação da memória e na difusão do conhecimento, especialmente no contexto dos acervos audiovisuais.

A análise do acervo da TV Universitária do Recife demonstrou que o conjunto de objetos sob a guarda do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC) possui expressivo valor histórico, cultural, simbólico e comunicacional. Esses bens ultrapassaram suas funções operacionais originais e passaram a configurar-se como objetos-documentos, capazes de testemunhar a trajetória da primeira emissora educativa do país e de refletir um projeto de comunicação pública comprometido com a educação, a formação cidadã e a democratização do conhecimento. Nesse sentido, o acervo da TV Universitária do Recife constitui uma fonte relevante para a compreensão da história da televisão educativa, da comunicação pública e da própria universidade, inserindo-se em debates mais amplos sobre memória, cultura e patrimônio.

O trabalho de documentação que vem sendo desenvolvido com esse acervo, alinhado aos princípios museológicos, revelou-se essencial para garantir o acesso, a interpretação e a utilização desses bens como fontes de pesquisa. A sistematização das informações possibilita múltiplas leituras e amplia o potencial comunicacional do acervo, contribuindo para sua inserção em processos de pesquisa, exposição e difusão cultural. Assim, a documentação museológica consolida-se como a base estruturante que viabiliza os demais processos museológicos, como a conservação preventiva, a comunicação museológica e a construção de narrativas expositivas.

A partir dessas considerações, torna-se evidente a importância de se pensar a musealização do acervo da TV Universitária do Recife de forma mais ampla e

estruturada. O processo de musealização, ao reconhecer formalmente o valor cultural e social desses bens, possibilita sua inserção em políticas de preservação e gestão do patrimônio cultural. Nesse contexto, a patrimonialização do acervo apresenta-se como um caminho fundamental para garantir sua salvaguarda a longo prazo, assegurando o reconhecimento institucional e social de sua relevância histórica e comunicacional.

A diversidade tipológica do acervo, composta por equipamentos técnicos, suportes audiovisuais, documentos administrativos, registros fotográficos e materiais gráficos, exige investimentos contínuos em ações de preservação e conservação adequadas às especificidades de cada material. O reconhecimento desse conjunto como patrimônio implica, portanto, a necessidade de políticas públicas e institucionais voltadas ao financiamento, à capacitação técnica e à implementação de estratégias de preservação que considerem as particularidades dos acervos audiovisuais e tecnológicos, frequentemente mais vulneráveis aos processos de deterioração.

Nesse sentido, o trabalho desenvolvido pelo CEDOC demonstra um esforço significativo de salvaguarda e organização do acervo, mesmo diante das limitações estruturais e da ausência de uma musealização formal. As ações de documentação, conservação e comunicação realizadas pelo Centro evidenciam práticas alinhadas aos fundamentos da Museologia, reforçando o potencial do acervo como espaço de produção de conhecimento e de construção da memória institucional. O reconhecimento e o fortalecimento dessas ações são fundamentais para a continuidade do trabalho e para a ampliação do acesso ao acervo por parte da comunidade acadêmica e da sociedade em geral.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para o fortalecimento do debate sobre a preservação de acervos audiovisuais no campo da Museologia, destacando a importância da documentação museológica como eixo articulador entre memória, comunicação e patrimônio. Espera-se, ainda, que a pesquisa incentive reflexões acerca da institucionalização legal do acervo da TV Universitária do Recife, promovendo sua musealização e patrimonialização, de modo a assegurar sua preservação, valorização e transmissão às futuras gerações. Ao reconhecer esses bens como patrimônio cultural, reafirma-se o papel das emissoras educativas e das universidades na construção da memória coletiva e na democratização do conhecimento no contexto brasileiro. Além disso, destaca-se a importância da

continuidade das pesquisas relacionadas ao acervo da TV Universitária do Recife, uma vez que o levantamento e a sistematização das informações aqui apresentados não se esgotam neste trabalho.

A ampliação dos estudos, a partir de novas abordagens teóricas e metodológicas, pode contribuir para o aprofundamento das análises sobre as diferentes tipologias que compõem o acervo, bem como para a identificação de novos recortes históricos, técnicos e comunicacionais.

A continuidade da pesquisa possibilita, ainda, o aprimoramento dos processos de documentação e a ampliação da divulgação das informações produzidas, fortalecendo a comunicação museológica e ampliando o acesso público ao conhecimento gerado. Nesse sentido, a produção e a circulação dessas informações tornam-se fundamentais para potencializar o reconhecimento social do acervo, estimular novas investigações acadêmicas e consolidar o acervo da TV Universitária do Recife como um campo relevante de pesquisa, memória e comunicação.

REFERÊNCIAS

Livros e artigos

ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos. Tradução de Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANGEIRAS, Maria Clara de Azevêdo. Televisão e educação: história da criação da primeira TV educativa do Brasil – TV Universitária, Canal 11. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2015.

BORDENAVE, Juan E. Díaz. O que é comunicação. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Coleção Primeiros Passos).

BOURDIEU, Pierre. A miséria do mundo. Petrópolis: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. Sobre a televisão. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.

BRAYNER, Flávio. Educação e república no Brasil. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2008.

BRULON, Bruno. O pensamento germinal de Zbyněk Z. Stránský e a construção da Museologia como disciplina científica. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, Brasília, v. 6, n. 12, p. 399–423, 2017.

BRULON, Bruno. Passagens da Museologia: a musealização como caminho. Revista Museologia & Interdisciplinaridade, Brasília, v. 7, n. 13, p. 189–210, 2018.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

IBRAM – INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Subsídios para elaboração e gestão de documentação museológica. Brasília: IBRAM, 2025.

ICOM – CONSELHO INTERNACIONAL DE MUSEUS. Código de ética para museus. São Paulo: ICOM Brasil, 2009.

JAPIASSU, Hilton. O espírito interdisciplinar. Rio de Janeiro: Imago, 1976.

MONTENEGRO, Antônio Torres. História oral e memória: a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 2008.

NIEMEYER, Maria Lucia; LOUREIRO, Maria de Lourdes. Museus, documentação e informação. In: COLÓQUIO DO MUSEU DE ASTRONOMIA E CIÊNCIAS AFINS (MAST). Rio de Janeiro: MAST, s.d.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. História da educação no Brasil (1930–1973). 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SAVIANI, Demeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. Campinas: Autores Associados, 2008.

THOMPSON, Paul. A voz do passado: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

Sites:

CEDOC – CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO E PESQUISA.

Disponível em: <https://sites.ufpe.br/cedoc/>

Acesso em: 5 dez. 2025

JAPIASSU, Hilton. O espírito interdisciplinar.

Revista do Serviço Público, Brasília, v. 47, n. 3, p. 35-45, 1996.

Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/cebapec/a/J3xx9Xfc8NqRnzdtJzQ3rGk/?lang=pt>>.

Acesso em: 7 dez. 2025.

DOCUMENTO. In: MICHAELIS – Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa.

São Paulo: Melhoramentos, 2025.

Disponível em:

<[https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/docume
nto/](https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/documento/)>.

Acesso em: 07 dez. 2025

APÊNDICE A - REGISTROS FOTOGRÁFICOS DO ACERVO DA TV UNIVERSITÁRIA DO RECIFE



Figura 2: Itens que compõem o acervo do CEDOC

Fonte: Acervo da TV Universitária do Recife. Fotografia da autora, 2025



Figura 3: Entrada do Centro de Documentação e Pesquisa (CEDOC)

Fonte: Fotografia da autora, 2025



Figura 4: parte interna do CEDOC

Fonte: Acervo da TV Universitária do Recife. Fotografia da autora, 2025



Figura 5: Primeira câmera utilizada para gravações dos programas que iam ao ar em 1968

Fonte: Acervo da TV Universitária. Fotografia da autora, 2025



Figura 6: Primeira câmera utilizada para gravações dos programas que iam ao ar em 1968

Fonte: Acervo da TV Universitária. Fotografia da autora, 2025